

Série

MAGNETISMO



A FORÇA DA VIDA

O Magnetismo
em Oposição à Medicina

© 2015 – Conhecimento Editorial Ltda.

O Magnetismo em Oposição à Medicina

Le Magnétisme Opposé à La Médecine

Jean Du Potet de Sennevoy
Barão Du Potet (1796-1881)

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Maria Alice Farah Antonio
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-336-5
1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
Produzido no departamento gráfico da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Fone: 19 3451-5440
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sennevoy, Jean Du Potet de, 1796-1881

O magnetismo em oposição à medicina / Barão Du Potet de Sennevoy ; tradução Maria Alice Farah Antonio – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2015.
– [Série: Magnetismo, a força da vida ; v. 1]
252 p.

Título original: *Le Magnétisme Oppose a La Médecine*
ISBN 978-85-7618-336-5

1. Cura pelo magnetismo 2. Cura pela fé e espiritismo
3. Hipnose 4. Sonambulismo I. Título II. Antonio, Maria Alice Farah

15-0007

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Espiritismo – cura pelo magnetismo

Barão Du Potet de Sennevoy

O Magnetismo em Oposição à Medicina

Dissertação para servir à história do magnetismo
na França e na Inglaterra

Traduzido por Maria Alice Farah Antonio

1ª edição
2015



SÉRIE: MAGNETISMO, A FORÇA DA VIDA

Volume 1 O Magnetismo em Oposição à Medicina

Barão Du Potet de Sennevoy

LE
MAGNÉTISME

OPPOSÉ A LA
MÉDECINE.

MÉMOIRE POUR SERVIR A L'HISTOIRE DU MAGNÉTISME

EN FRANCE ET EN ANGLETERRE.

PAR

Le Baron DU POTET DE SENNEVOY.



PARIS,

A. RENÉ ET C^{IE}, IMPRIMEURS-ÉDITEURS,
RUE DE SEINE, 32.

DENTU,
Palais-Royal, galerie d'Orléans.

GERMER-BAILLIÈRE,
rue de l'École-de-Médecine, 13.

1840

Tb64
156

Sumário

Introdução.....	11
O magnetismo em Paris (1820 a 1835).....	16
O magnetismo em Paris (Setembro de 1835)	54
O magnetismo em Bordéus (Janeiro de 1836).....	68
O magnetismo em Montpellier (Abril de 1836).....	77
O magnetismo em Béziers.....	124
O magnetismo em Londres	128
O magnetismo no Middlesex Hospital	132
O magnetismo no North-London University College Hospital.....	134
O magnetismo no Athénée Royal de Paris (Março de 1839).....	175
O magnetismo em Metz (20 de outubro de 1839)	205
Magnetismo animal	219
Algumas observações sobre o magnetismo.....	249

Introdução

Na verdade, nós vo-lo dizemos, faz muito tempo, que a humanidade está reduzida à resignação e ao sofrimento. Doutores, curai os enfermos ou retirai-vos, para deixar aqueles que querem e saibam curar fazê-lo.

Em oposição a certas leis físicas que os cientistas julgaram solidamente estabelecidas, e aos sistemas de medicina devidos ao talento dos homens de outra época e da nossa, o magnetismo, essa ação potente que o homem exerce sobre o seu semelhante, veio lançar nova luz sobre o campo das ciências e revolucionar as inteligências que acreditavam ter encontrado os limites do possível. Mas o que pode a incredulidade ou a dúvida dos sábios diante dos fatos positivos? O que podem os raciocínios contra uma verdade que não tem necessidade dos sentidos para ser reconhecida e estudada? Que necessidade temos nós de aqui lembrar os homens que passaram por loucos porque mostravam uma verdade que os sábios da época não tinham percebido? Que importa que tivessem declarado que *Mesmer fosse um visionário*, se sua descoberta perdurou no tempo e invadiu o mundo? O que importam, pois, finalmente, os títulos dos acadêmicos que assinaram essa sentença? Nem sempre a posteridade ratifica os julgamentos dos homens: muitas vezes ela macula o que eles honraram, e no lugar dos nomes que eram reverenciados, o inflexível buril da história grava, por vezes, em letras de ouro, aqueles que as pessoas julgavam esquecidos.

Mas por que Mesmer procurava os sábios? Precisava deles para o sucesso de sua doutrina? Não, uma vez que ela penetra nas massas apesar de sua oposição. Tinha, então, esse bom Mesmer esquecido o que acontecera com Galileu, com Cristóvão Colombo e a tantos outros gênios que tiveram, cada qual na sua época, a mesma sorte que esses dois homens? Julgava ele que a justiça descera à Terra? Por que tomava por juízes homens que viviam de palavras vazias, explorando com elas a humanidade que eles enganavam? Esperava torná-los melhores e corrigir seus vícios?

Em sua grande obra de moralista, Jesus se dirigia aos sábios? Não, ele os conhecia demasiadamente bem. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas”, – dizia-lhes –, “pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de iniquidades”, e desmascarando com uma só palavra os sofistas, ele escolhia seus discípulos entre o povo, e logo sua doutrina reinou no mundo.

Puységur, Deleuze, o que, então, esperáveis das adulações que dirigíeis aos cientistas dessa época? Não percebestes que elas serviam apenas para tornar-vos desprezíveis aos olhos deles e para afastá-los da análise que solicitáveis com tanto ardor e constância? Eu mesmo, enganado por vossos ensinamentos, segui o caminho que traçastes; porém, reconhecendo enfim o vosso e o meu erro, voltei atrás e foi no coração dos homens que vivem distantes das camarilhas eruditas que depus os germes da nova verdade. Ah! Se eu não tivesse perdido esse tempo em vãs tentativas! No lugar de vinte cientistas que convenci e que nada fazem para esclarecer seus contemporâneos, cinquenta mil indivíduos hoje gozariam dos benefícios da descoberta de Mesmer, ter-se-iam libertado do jugo medicinal e se esquivado dos direitos de vida e de morte que homens cheios de erros usurparam sobre as nações.

Mais felizes do que eu, esclarecidos, aliás, pelo passado, meus discípulos atingirão a meta a que me propus atingir, divulgando no meio do povo a descoberta de Mesmer; e ressaltando os erros inumeráveis cometidos por essa pretensa ciência médica, arrancarão essa árvore monstruosa e mostrarão às massas que seus frutos estavam envenenados.

Oh! Por que não existe bastante tolerância para que os ho-

mens de nosso tempo possam, sem reclamar, escutar discursos que não estão de acordo com sua crença? Por que o passado não lhes serve de ensinamento? Eu poderia então dizer, sem subterfúgio, que minha alma compreende e mostra sem temor as mudanças que a verdade que defendo deve produzir no futuro.

Hoje em dia, meus discursos seriam considerados os de um insensato, ou antes, de um entusiasta que, sem respeito por aquilo que é aceito como bom, compraz-se a aviltar, por meio de sua palavra, os homens que a nação distingue e honra.

Mas sem dizer totalmente essa verdade que eu sinto tão bem, perturbarei esses inimigos que vivem em paz nesta terra tão desolada, onde veem todos os dias caírem milhares de espigas antes que a natureza os tenha amadurecido. Minha voz se fará ouvir para assinalar sua indiferença e sua impotência; não lhes concederei totalmente minhas palavras no tempo presente. Esclarecei-vos, direi sem cessar aos meus concidadãos; esclarecei-vos sobre os meios que a arte mantém em reserva para socorrer-vos quando vossos dias estiverem em perigo. Sede menos despreocupados do que sois a respeito do bem tão precioso chamado saúde. Não contaís tanto com os recursos que os laboratórios das farmácias oferecem; essas beberagens tão elogiadas são prescritas e compostas por homens cuja existência é a mesma que a vossa; seus sentidos não são mais refinados que aqueles que vos governam. Fracos como vós diante da doença, eles não têm sobre elas senão conjecturas, e é ao acaso que eles entregam vossa vida e a deles.

O que importa ao homem enfermo, repito, que as pessoas passem sua existência nos aborrecimentos de um trabalho penoso e difícil, se de todo seu labor deve resultar apenas um monte de palavras e de sistemas que em nada fazem avançar a arte de curar? O que importam esses raciocínios luminosos nos quais a ciência parece superar a natureza, se como último resultado apenas esta é encarregada da tarefa? O que importam essa grande quantidade de escolas e esses congressos acadêmicos, se, apesar desses aparatos imponentes, apenas as disputas intermináveis devem ser seu produto?

As dificuldades desta ciência são, pois, bem grandes, seu estudo bem difícil e os homens que chegam a conhecê-la não

devem, pois, aparecer senão como esses astros que se mostram por vezes no espaço e cujo lento retorno faz com que se duvide de sua existência?

Se for assim, presumo que os romanos tenham vivido dois séculos sem médicos, e nem por isso eles desprezavam a vida, mas parecia-lhes que os médicos de então eram impotentes a prolongá-la e a governá-la. Parecia-lhes que em todas as epidemias que afligem a espécie humana, a medicina não possuía algum remédio para opor ao flagelo devastador. Eles preferiram recolher as receitas inscritas nos *ex-votos* pendurados nas paredes dos templos antigos e delas se servir para suas doenças a adotar novos medicamentos devidos aos caprichos de certas mentes, pois uns vinham de Deus e os outros da tolice humana.

Tudo mudou muito desde aquela época: essa arte duvidosa implantou-se nas nações; cresceu em importância, é um corpo potente no estado social. Os homens que exercem essa arte são homens honrados e considerados, e se nem todos são agraciados com os favores da fortuna e do poder, é porque esses filhos de Esculápio¹ tornaram-se muito numerosos e a população não aumentou proporcionalmente ao seu crescimento.

Eu sairia dos limites que propus para mim se vos mostrasse esses homens, pouco contentes com seu quinhão, invadindo os empregos e lançando-se na política. É apenas de sua ciência que vos devo falar, ciência esta monstruosa e assassina, cujos apóstolos confessam sem receio os terríveis perigos.

Não pensem que eu seja movido por um ódio cego contra uma corporação que absolutamente não conheça. Não tenho ódio de ninguém; conheço a medicina e os médicos, pois passei minha juventude nos bancos de uma escola célebre, e é com o intuito de aí encontrar a verdade que deles me aproximei. Aqui, não sou *o inimigo do homem, mas de seus princípios*; meus ataques estão fora de todas as considerações pessoais; minha única paixão sempre foi combater o erro que se opõe às leis eternas da natureza.

Os povos da Antiguidade não reconheceram que se devia ser puro para exercer a medicina? Eles dela fizeram um sacerdócio, pois nem todos os homens são chamados para exercer

1 N. T. – Esculápio ou Asclépio: Deus da Medicina.

essa divina função. Hoje em dia, a pureza não é compreendida, ou antes, os médicos aprenderam a desprezá-la.

Não há nada mais belo, mais grandioso do que a nobre profissão de médico, quando ele *sabe curar!* Imagem de Deus na Terra, quem é aquele que ousaria disputar-lhe as palmas da imortalidade? Mas esse ser divino não mais existe nas academias. Não, não, ciências modernas, vós ficastes para trás, pelo menos sob esse aspecto. Nada mais é sagrado nessa arte outrora tão glorificada: apenas Hipócrates merece ser lembrado e é em vão que todos os dias invocam-se sua sombra. Nossos médicos modernos esqueceram suas origens e as trevas reinam onde antigamente reinava a luz.

São esses tempos que queremos interrogar; são essas lembranças que desejamos despertar nas mentes.

Em breve, certamente, milhares de vozes unir-se-ão à nossa para pedir a reforma de uma arte que a cada dia faz vítimas, e, com o poder vindo à nossa ajuda, a verdade perseguida será estabelecida para a felicidade de todos.

O magnetismo em Paris (1820 a 1835)

É coisa preciosa, a saúde, e a única, em verdade, que merece que em sua procura empreguemos não apenas o tempo, o suor, a pena, os bens, mas a própria vida; tanto mais que sem ela a vida acaba por tornar-se injuriosa. Sem ela, a volúpia, a sabedoria, a ciência e a virtude se degradam e desaparecem.

Montaigne

Eu era bem jovem quando, pela primeira vez, aprendi que homens sérios garantiam existir em nós uma força, um poder oculto que, bem empregado e firmemente dirigido, produzia fenômenos maravilhosos. O sorriso e a dúvida foram, devo confessá-lo, a primeira acolhida que dei a essas asserções.

Todavia, logo, conduzido pelo desejo de conhecer a verdade relativa às experiências de magnetismo, assisti à produção de fatos extraordinários, porém, uma tênue razão recusava-se a acreditar nas coisas estranhas que meus olhos haviam visto. Desde essa época, no entanto, não tive mais sossego: um desejo ardente de possuir a verdade apoderou-se de mim. Desmascarar a impostura, caso houvesse, ou publicar em toda parte a realidade da maravilhosa descoberta, foi uma determinação irrevocável, tão gravada em minha mente que eu lhe sacrificava meu descanso, meus prazeres e até meu futuro. Procurar os magnetizadores, escutá-los com atenção, espiar seus mínimos atos, interrogar as pessoas que lhes serviam de instrumentos foi

a ocupação de meus dias, até que, finalmente, tendo eu próprio obtido a produção dos fenômenos que meu espírito recusava-se a admitir, encontrei-me na posse da ciência cuja realidade eu havia ardentemente desejado conhecer.

Para mim, foi um belo dia que nunca se apagará de minha lembrança.

Ainda duvidando do meu poder, eu acabava de mergulhar no sonambulismo duas pessoas jovens que ignoravam completamente o que era o magnetismo e que, sempre rindo dos procedimentos estranhos que eu empregava, sentiram, entretanto, vivamente sua eficácia.

É preciso que produzamos pessoalmente os efeitos magnéticos para termos uma ideia da singular perturbação que agita nossa mente quando, pela primeira vez, obtemos fatos que nos revelam nossa força. O temor e a esperança vêm, alternadamente, apoderar-se de nossas faculdades, e o novo estado que acabamos de desenvolver, mostrando-nos um mundo desconhecido, apaga ou enfraquece tudo o que nos restara das emoções hauridas da vida habitual.

Meu primeiro passo na carreira de magnetizador não mais me deixou a opção de recuar. A crença substituíra a dúvida e a cada dia fenômenos novos para mim, produzidos em circunstâncias diversas, aumentavam meu entusiasmo e ao mesmo tempo me davam o desejo que os homens a quem essa verdade devia servir participassem da mesma crença.

Demasiado jovem, então, para compreender toda a importância da descoberta de Mesmer, eu já via nela, entretanto, um meio de esclarecer os homens sobre os conceitos pré-concebidos que governam as nações, bem como a possibilidade de destruir em um determinado tempo os males produzidos por pretensas doutrinas filosóficas. Mas minha extrema timidez e meu parco conhecimento sobre os homens tornavam essa arma pouco terrível entre minhas mãos. De fato, ousar conceber o pensamento de espalhar a verdade que eu acabara de adquirir, e de fazê-la ser adotada por aqueles mesmos que a haviam rejeitado; ousar enfrentar os cientistas da época, e incitá-los a um novo exame, não seria, da minha parte, um projeto insensato, tendo em vista que a célebre decisão dos Bailly, dos Lavoisier, dos Franklin

tinha sempre força de coisa julgada? Ainda mais porque os sábios contemporâneos haviam incluído seu nome nessa sentença e a opinião pública, pervertida ou ganha por um julgamento que estava longe de parecer iníquo, devia deixar bem pouca esperança de um dia vermos essa sentença modificada, e a verdade, finalmente, sair triunfante.

Os magnetizadores, em pequena quantidade, eram encabeçados por Deleuze e Puységur. Em seu estandarte lia-se escrito: *Caridade, Amor ao Bem Público, Spes boni*. Porém essas divisas provocavam o riso e o sarcasmo dos antagonistas do magnetismo. Os amigos sinceros da verdade lamentavam seu abandono, pois então nenhum médico eminente ousou dar-lhes o apoio do seu nome.

Não basta para um homem covarde matar seu inimigo, ele precisa jogá-lo na lama. Pretensos filósofos e mentes brilhantes pensaram encontrar no magnetismo algo para divertir o povo: colocaram, então, os magnetizadores no teatro, e a zombaria do público foi a recompensa concedida aos homens favoráveis ao magnetismo que queriam esclarecer e confortar seus irmãos. Magnetizador era, então, sinônimo de charlatão ou de imbecil; alguns membros da Academia até acrescentavam o epíteto de escroque.

Entretanto, novas obras foram publicadas. Marcadas por uma nobre simplicidade e grande franqueza, elas foram divulgadas pelo mundo. As pessoas comentavam-nas, censuravam-nas, mas foram vendidas e alguns homens sérios se dedicaram, no silêncio do escritório, ao seu exame minucioso.

Eu mesmo, ao ler esses escritos, julguei reconhecer que o caminho indicado para fazer progredir o magnetismo era ruim. Pensei que, longe de banir os que não acreditavam nas experiências magnéticas – como os pais da ciência haviam recomendado fazer – era preciso, ao contrário, ir direto a eles e provocá-los até mesmo em seu santuário; era preciso, enfim, não se esconder, pois a verdade não tem nada a temer e apenas o erro tem necessidade da escuridão.

Mas aqui a dificuldade era grande. Como se expor em público com a marca ignóbil que os cientistas haviam gravado na frente dos magnetizadores? Como afrontar o riso que se apode-

rava das mentes superiores quando um magnetizador aparecesse em sua presença? E, no entanto, não faltavam pessoas corajosas capazes de realizar a proeza, se outra dificuldade maior que a primeira não se apresentasse à mente dos experimentadores: todos sabiam que o recolhimento do magnetizador era necessário, todos estavam convencidos de que a tranquilidade da alma era uma condição essencial para o êxito da operação magnética. E como conservar essa disposição na presença de homens que vos acolhem com risos e brincadeiras de mau gosto que, embora de uso habitual do orgulho ou de uma vaidade imbecil, também são aplaudidas com arrebatamento por aqueles que os ouvem?

Era, pois, certo que o sucesso fosse duvidoso; até mesmo alguns magnetizadores haviam se arrependido de terem tentado essa via.

Um jornal, *A Biblioteca do Magnetismo*, publicava, é verdade, as curas operadas por vários magnetizadores; materiais preciosos eram assim recolhidos para servir à história do magnetismo; mas essa descoberta continuava concentrada nas mãos de um pequeno número de adeptos. As corporações científicas continuavam alheias a tudo isso. Com muito pouco a temer por seus ataques, o jornal do qual falamos só obteve o desdém de nossos soberbos e numerosos adversários.

Um único fato veio fazer cessar sua pacificidade e novamente dar vida a uma questão que, havia muito tempo, não mais inquietava as mentes.

Eu ousei fazer experiências públicas no primeiro hospital de Paris, o Hôtel-Dieu, em presença de quarenta médicos incrédulos, e defender o magnetismo, não como advogado, mas como magnetizador.

Uma moça, enferma havia mais de um ano, que todos os dias vomitava sangue, sem que os mais assíduos cuidados e os mais enérgicos medicamentos pudessem aliviá-la, definhava nesse hospital. Seu marasmo era tal que poderíamos, sem erro, anunciar seu fim próximo. Escolhemos essa jovem para testarmos a experiência, e ela foi transportada sobre uma maca para um cômodo separado, no qual eu solicitara que as experiências fossem feitas.

Era quase um cadáver que me deram para galvanizar por

meio desse *pretensio magnetismo animal* e, devo dizê-lo aqui, era uma mistificação que julgavam ter preparado para mim. Mas Deus quis que aquele que esperava por sua Providência saísse vitorioso de uma prova em que era necessária, não a coragem para obter êxito, mas a resignação.

Hoje, tais experiências seriam uma coisa simples; as mentes estão preparadas e apenas a dúvida acolheria o experimentador. Mas estávamos em 1820, e então, como já disse, magnetizador era sinônimo de charlatão e eu, tão jovem, nem mesmo inspirava desconfiança aos homens que haviam consentido em me receber; eu só lhes inspirava piedade!

Não citarei aqui os pormenores dessas experiências, uma publicação reuniu-as na época,¹ mas apenas as consequências que elas tiveram para o magnetismo.

Entre as testemunhas dessas experiências, encontram-se vários homens que não se limitaram a publicar a verdade; eles magnetizaram corajosamente, como eu também o fizera, e diante de um grande número de médicos, conseguiram reproduzir os fenômenos magnéticos e sonambúlicos observados no Hôtel-Dieu.

Primeiramente, foi o doutor Margue, assistente do hospital Salpêtrière, que teve a felicidade de obter o sonambulismo em mais de dez doentes. A seguir, Georget, adquiriu, por meio de numerosas experiências, uma tão grande convicção que ousou contradizer suas opiniões materialistas, constantes em várias obras, e declarar publicamente que o magnetismo provava-lhe a espiritualidade da alma. O célebre professor Rostan foi, quase ao mesmo tempo, confessar no seio da Escola a existência dessa força tão extraordinária chamada magnetismo. Ele até publicou em um dicionário de medicina uma profissão de fé tão clara, tão franca em favor da verdade que nós defendemos, que de todos os lugares exclamaram: “Rostan não pôde escrever essas coisas; esse artigo não saiu da pena do verdadeiro Rostan!”. Mas esse homem sincero logo sustentou, no meio de um grande concurso de alunos que seu mérito atraía a suas lições, a realidade da descoberta de Mesmer; e lançando palavras duras sobre os que absolutamente não criam no magnetismo, ele fazia

¹ *Expériences publiques sur le magnétisme [Experiências públicas sobre o magnetismo]*, realizadas no Hôtel-Dieu, em 1820. Terceira edição, Béchet Jeune e A. René et Cie.